

## O COMBATENTE PORTUGUÊS NA FICÇÃO DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES: REFLEXOS DE UM PORTUGAL ANTIÉPICO

LEONARDO VON PFEIL ROMMEL<sup>1</sup>, JANE FRAGA TUTIKIAN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – [lpfeil@hotmail.com](mailto:lpfeil@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – [jtutikian@gabinete.ufrgs.br](mailto:jtutikian@gabinete.ufrgs.br)

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa analisa a representação da figura do ex-combatente português na obra do escritor António Lobo Antunes enquanto sujeito antiépico. A análise centra-se no romance *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, publicado pelo autor em 2017. Na narrativa, Lobo Antunes retoma a problemática da Guerra Colonial junto à identidade nacional portuguesa e apresenta, como personagem principal, um ex-combatente retornado da guerra em Angola. Através da representação dos traumas e dos dramas pessoais causados pela violência dos combates na vida do soldado, o autor demonstra que, passados mais de quarenta anos do fim do império colonial português, os reflexos e os fantasmas da Guerra Colonial ainda permanecem vivos na memória e na identidade de Portugal.

Portugal, historicamente, sempre moldou sua identidade e seu imaginário em torno da imagem das Grandes Navegações e da expansão de seus territórios. O império, assim, sempre ocupou uma posição central na identidade da nação. Os fluxos imperiais, construídos pelas navegações, sempre foram revestidos de um caráter épico, e, através deles, Portugal criou para si uma imagem de “país escolhido”, pioneiro dos avanços do Ocidente. Através de suas posses territoriais, o país sempre pôde se imaginar como nação central na ordem geopolítica europeia e global. O império, por quase cinco séculos, sempre desempenhou a função de uma espécie de refúgio do imaginário e da identidade portuguesa.

Os fluxos imperiais de expansão da nação são representados na cultura nacional de diversas maneiras ao longo da história. Os *Lusíadas*, de Camões, publicado pela primeira vez em 1572, tornou-se, de acordo como as palavras de Eduardo Lourenço, “(...) não só na referência mística da cultura portuguesa, mas de toda a vida portuguesa” (LOURENÇO, 1999, p. 57), tendo servido, ao longo do tempo, como uma espécie de espelho cultural para os portugueses, narrativa onde a identidade e o imaginário épico nacional sempre puderam se rever e alimentar a força da noção de império.

Nos versos épicos de Camões, Portugal é uma nação predestinada a expandir-se ao redor do globo terrestre. O lado épico da existência nacional é extremamente valorizado na narrativa, uma vez que os portugueses são descritos como um povo forte e corajoso, capaz de enfrentar os perigos dos oceanos e até mesmo o poder dos deuses a fim de expandir os seus territórios e levar à glória o nome e os valores nacionais.

Durante a Guerra Colonial, travada entre Portugal e suas ex-colônias na África entre os anos de 1961 e 1974, os portugueses visavam impedir a independência dos países africanos, evitando, desta forma, que o corpo físico e político da nação se dissolvesse, causando, assim, uma ruptura na imagem e na identidade lusitana. Sendo assim, a ditadura do Estado Novo buscou enquadrar esta empreitada da nação como uma espécie de nova cruzada de defesa dos valores da pátria, revestindo a guerra de uma significação épica, como se a mesma fosse uma continuidade da história da expansão nacional.

A literatura portuguesa que tematiza a experiência histórica da Guerra Colonial busca desconstruir a mitologia épica portuguesa, demonstrando que este novo fluxo imperial para a África tratava-se de um movimento antiépico, de desintegração do império colonial português. António Lobo Antunes, através da representação do ex-combatente em seu romance *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, questiona a identidade nacional baseada nas Grandes Navegações e no discurso e modelo de engrandecimento dos valores nacionais presente nos versos de *Os Lusíadas*. Por meio de uma figura fragmentada e assombrada pelos traumas vivenciados na guerra, Lobo Antunes apresenta o combatente português como uma espécie de anti-herói, um sujeito cuja imagem contradiz a identidade nacional.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia empregada no presente trabalho de pesquisa compara o texto literário de António Lobo Antunes com a História nacional portuguesa, apresentando a literatura como um discurso que rasura a identidade épica da nação e busca reescrever o sentido das grandes glórias nacionais. Para tanto, serão utilizados no processo de análise da obra e do contexto histórico e literário do império português, autores como Eduardo Lourenço (1999) e Anna Kalewska (2000).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Anna Kalewska (2000, p. 374), ao analisar a produção literária portuguesa, afirma que “os romances dos anos 80 e 90 (...) são estruturados camonianamente no sentido de defender e exaltar a liberdade colectiva e individual. E minam as convenções do gênero épico, como que confundindo a letra, o estilo e o espírito do tempo”. Os romances que abordam a Guerra Colonial buscam, através dos mecanismos da ficção, reescrever o passado recente, marcado pela opressão e pela violência da guerra e da ditadura do salazarismo, evidenciando, assim, o outro lado do conflito e dando voz aos combatentes, sujeitos que foram marginalizados pela esfera social e estatal do Portugal pós-império.

Como aponta Cardoso (2011), na ficção antuniana, o combatente é visto como um sujeito antiépico pela sociedade, uma vez que sua imagem desconstrói o modelo épico da identidade nacional, pois o mesmo não se identifica com a mitologia imperial e lança um discurso de crítica às instituições e modelos culturais e sociais que sempre estiveram na base da constituição do imaginário e da identidade nacional portuguesa.

Ao invés da epopeia, em que a chamada gesta guerreira motiva a concepção do poema para engrandecimento do carácter de um povo, no romance antuniano destaca-se uma ambiguidade: a entrega do soldado anônimo é vista pela comunidade como anti-heróica, o que, no discurso romanesco, se traduz em denúncia do Estado enquanto instituição e da Nação enquanto invenção. (CARDOSO, 2011, p. 218-219).

Em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, o ex-combatente apresenta-se como um sujeito fragmentado pela experiência traumática da guerra, sendo incapaz de se readaptar à vida cotidiana e ao convívio familiar após o regresso. O soldado português surge, desta forma, como uma espécie de lusíada falhado, um herói antiépico, que, ao contrário de engrandecer os valores da nação,

ao retornar da África, traz consigo o sentido da derrota do império, pois é incapaz de narrar ensinamentos para o engrandecimento da nação.

A viagem para África ressignifica os ideais camonianos presentes na identidade nacional, uma vez que a partida para a Guerra Colonial, na visão do soldado antuniano, trata-se de um fluxo antiético, uma viagem ao avesso, onde, ao invés de buscar o avanço e a expansão do império, o combatente busca defender, através da própria vida, os valores e a ideologia épica do Estado Novo, na tentativa de impedir que o império, espaço de refúgio identitário, fosse desmembrado. A ida para a guerra apresenta-se como uma espécie de condenação, e não como um gesto épico.

(...) isto há quarenta e cinco, quarenta e seis anos, uns meses antes de me graduarem alferes e eu embarcar para Angola num barco cheio de silêncio e gritos ou seja o silêncio gritava e os gritos calados, quem me traduz isto em linguagem de gente, eu agarrado ao lavatório da camarote, de galões novos, a vomitar, se ao menos um rebuçado da minha avó na bagagem ou frangos a jeito para os pisar com uma cana e eles tropeçando uns por cima dos outros a fugirem de mim, o meu pai no muro com dois cigarros acesos, três cigarros acesos, dez cigarros acesos, há quem trabalhe no circo com uma dúzia de bolas no ar, no cais marchas militares juntamente com a chuva, o general numa varanda a mexer a boca calada, foram os altifalantes que lhe roubaram a voz misturando-a com a aflição das gaivotas, sinto nos vossos semblantes a alegria de irem servir a Pátria e eu a servir a pátria molhando a camisa de prantos, o blusão, a gravata, um fantasma a babar-se coitado que pensava ser eu (...).

e tanta chuva em janeiro no Tejo meus amigos, tanta chuva em janeiro comigo não a pensar no meu pai, a pensar na matança do porco, na faca, no alguidar de sangue, nos sujeitos que eu não conhecia, de calças agora vermelhas, a suspenderem melhor o animal (...).

e marchas militares e lenços que gritavam e chuva e pessoas em lágrimas até à beirinha da água e dúzias de gaivotas empoleiradas em fila nos telhados altos, qual dúzias, centenas, milhares, milhões, milhões de gaivotas nos telhados altos, mais gaivotas que tropa, mais gaivotas que pessoas, repetindo com o general

- Sinto nos vossos semblantes a alegria de irem servir a Pátria  
as gaivotas em torno do navio que diminuía na direção da foz  
- Sinto nos vossos semblantes

e a chuva a pouco e pouco apagava, ao apagar a alegria de servir a Pátria apagava-se também, sobrava eu no beliche do camarote em que tudo estava aparafusado à parede, cama, mesa de cabeceira, armário, pena não me aparafusarem a mim na janela, redonda como os sonhos que nunca os tive pentagonais, a chuva, eu sentado no beliche a torcer os pulsos (...). (ANTUNES, 2017, p. 91-94).

O protagonista, passados mais de quarenta anos desde que participou da guerra, ainda se vê assombrado pela violência. A experiência da Guerra Colonial é responsável por fragmentar a existência do combatente, uma vez que para defenderem a pátria, os soldados são obrigados a abandonarem suas vidas e partir rumo ao incerto, tendo de conviver com a angústia, a solidão e com a trágica e sempre constante presença da morte. A guerra apresenta-se como um evento traumático não só a nível individual, mas também coletivo, tendo-se em vista que ela marca profundamente toda uma geração de portugueses, já que durante os treze anos de combates, praticamente não houve uma família sequer no país que não tenha sido afetada direta ou indiretamente, uma vez que mais de um milhão de jovens foram mobilizados pelas forças portuguesas para atuarem em defesa do império colonial.

## 4. CONCLUSÕES

Na ficção de António Lobo Antunes o combatente português desempenha um percurso antiépico que desconstrói a mitologia imperial lusitana. O romance antuniano apresenta a partida para a Guerra Colonial como uma espécie de morte coletiva do império português, uma espécie de reescrita do mito camoniano ao avesso, pois o soldado, que deveria servir à pátria e engrandecer os valores nacionais, renega suas origens e lança um discurso de crítica ao seu país, pois, ao cumprir a defesa nacional, ele se vê tiranizado e vitimado pelo estado ao perder sua juventude e regressar traumatizado para Portugal após a experiência da guerra.

No romance *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, percebe-se que Lobo Antunes retoma a questão da Guerra Colonial como forma de questionar a história nacional, evidenciado que os reflexos da guerra ainda estão vivos na figura dos ex-combatentes que tiveram suas vidas interrompidas pela violência. O título do romance contém uma metáfora sobre a memória e a identidade portuguesa, pois nele percebe-se que o passado, os traumas da guerra, insistem em pesar, como uma espécie de pedra na vida e nas lembranças do combatente. O soldado antuniano desempenha, desta forma, o papel de uma espécie de Sísifo contemporâneo, uma vez que, assim como o personagem da mitologia grega, vê-se condenado a carregar por toda a existência uma pedra, suas dores causadas pela Guerra Colonial.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, António Lobo. **Até que as pedras se tornem mais leves que a água**. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2017.

CARDOSO, Norberto do Vale. **A Mão-de-Judas**: representações da Guerra Colonial em António Lobo Antunes. Lisboa: Texto Editores, 2011.

KALEWSKA, Anna. **As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea**: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio. Veredas. Nº 3 (2000).

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.